

do imposto, já que lhes cabe a parte do leão". O problema não estava — e aqui entramos nós — entre o Nordeste e o Sul, mas entre uma área de capitalismo desenvolvido e desnacionalizada em grande parte de sua produção, e uma área de capitalismo pouco desenvolvido e de relações pré-capitalistas ainda extensas; aquela tendia a "colonizar" esta, inexoravelmente; o processo estava sendo agravado pelo "modelo brasileiro de desenvolvimento". Publicação especializada assinalava, em 1972, que "vem a região nordestina perdendo, ano a ano, a sua representatividade no âmbito do mercado de trabalho urbano brasileiro". O preço do que exportava declinava sempre e a região estava em processo de empobrecimento.¹¹¹

A concentração da renda despertou acesas controvérsias, na medida em que o processo seguia seu inexorável desenvolvimento. Começou a se tornar evidente que era preciso examinar, para ajuizar o "modelo brasileiro de desenvolvimento", "como o país está se apossando das riquezas materiais que ele próprio gera". Havia um contraste ostensivo e escandaloso entre a situação a que estava atirada a maioria da população e as taxas que pretendiam demonstrar vigoroso crescimento da economia. Os economistas oficiais — e alguns elementos pagos, cuja pena sustenta qualquer tese — apregoaram que as taxas de concentração derivavam da rapidez do desenvolvimento, e seriam inevitáveis, uma vez que o país optara por esse caminho. Mas a verdade é que não foi o país que optou, foram os tecnocratas que geraram o "modelo", a serviço do latifúndio, admitido como intocável, e dos interesses externos, admitidos como mola propulsora do desenvolvimento, segundo o "modelo". Outros, mais audaciosos, alegaram que a concentração derivava da educação, agora acessível a número maior de brasileiros. Esse dado era falso: a educação não está ao alcance de maior número de brasileiros; mas se essa premissa era assim, a conclusão era ainda mais falsa, porque era ridícula. O fato é que o PIB de 1971 era dado como tendo crescido 11,3%, mas os dados do censo mostravam que apenas 1,1% da população tinha direito a salários mensais superiores a 2.334 cruzeiros. As críticas acentuavam os traços negativos do "modelo". Paulo Singer dizia, em estudo de economia: "Para a grande maioria dos poucos trabalhadores qualificados brasileiros, que participam da produção de uma riqueza crescente, à qual praticamente não têm acesso, o atual 'milagre brasileiro' oferece pouco

¹¹¹ *Revista Econômica do Banco do Nordeste*, ano III, nº 10, Recife, junho de 1972.